

Assonâncias: solidariedade cultural entre os movimentos anticolonialistas italianos e os PALOP através das figuras de Joyce Lussu e Amílcar Cabral

Clio Angelini

PESQUISADORA INDEPENDENTE

ABSTRACT

The article investigates the cultural solidarity between the Italian anti-colonialist movements and the African Countries with Portuguese Official Language (PALOP) through Amílcar Cabral and Joyce Lussu, to integrate the interconnections' map during the African liberation processes (1961-1974). This paper intertwines Cabral and Lussu biographies and it probes the pivotal elements of their thinking: culture, language and poetry in the liberation struggle to demonstrate a correspondence with the themes examined during the Second Congress of Black Writers and Artists in 1959.

Keywords: International solidarity, anti-colonial movements, PALOP, cultural support, history.

O artigo investiga os laços de solidariedade cultural entre os movimentos anticolonialistas italianos e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) por meio de Amílcar Cabral e Joyce Lussu, integrando o quadro das interconexões durante os processos de libertação da África (1961-1974). Analisa-se essas duas figuras entrelaçando suas biografias e explorando os pontos centrais de seus pensamentos: cultura, língua e poesia na luta pela libertação, demonstrando uma correspondência com os temas discutidos durante o Segundo Congresso de Escritores e Artistas Negros de 1959.

Palabras-chave: Solidariedade internacional, movimentos anticoloniais, PALOP, apoio cultural, história.

Introdução

Os laços de solidariedade entre os movimentos italianos e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) concretizam-se a partir de: o Seminário Internacional em Treviglio em 1964, a Conferência de Solidariedade com os Povos das Colônias Portuguesas em Roma em 1970, seguida pela audiência papal com os três líderes africanos Marcelino dos Santos, Amílcar Cabral e Agostinho Neto, e a Conferência Nacional de Solidariedade pela Liberdade e Independência de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau em Reggio Emilia em 1973, eventos aprofundados por diversos estudiosos (Lanzafame & Podaliri 2004, Ottolini 2018, Alberani 2019).

Nesse cenário destaca-se Joyce Lussu empenhada tanto em tecer a trama e a urdidura de um pensamento que reinterpretasse a Resistência ao nazifascismo, atribuindo-lhe uma relevância para o tempo presente à luz da ideologia anticolonialista, quanto em trazer para a Itália o pensamento de Frantz Fanon e em assegurar a participação de Amílcar Cabral no Seminário Internacional de Treviglio (Ottolini 2018, Russo 2020).

Joyce fu tra coloro, in Europa, che compresero per primi il valore dirompente del carattere anti-imperialista insito in quella battaglia anticoloniale [...]; con una lungimiranza che era il portato di una sottile e complessa analisi strategica del movimento coloniale nel 'Terzo Mondo', ella seppe anche identificare con precisione quali organizzazioni sapessero coniugare logica anti-coloniale con istanze anti-capitalistiche. (Albano 2003, 128)

Amílcar Cabral juntamente com Eduardo Mondlane, Marcelino dos Santos e Agostinho Neto foi várias vezes recebido na Itália, país com o qual estabeleceu sólidas relações diplomáticas. A figura de Cabral como pensador, político e intelectual, capaz de transformar os PALOP em “luoghi autentici di produzione epistemologica” (Lopes 2024, 62) é central tanto para a comunidade africana quanto para a comunidade internacional (Milani 2016, Vecchi 2020, Lopes 2024).

O objetivo deste trabalho é definir os aspectos principais do *soutien* dos intelectuais italianos aos movimentos de libertação das ex-colônias africanas de língua portuguesa entre 1961 e 1974. A investigação centrou-se em Joyce Lussu e Amílcar Cabral, pois a solidez de seus perfis intelectuais os torna pontos de referência no panorama anticolonialista, permitindo não apenas uma articulação descritiva dos episódios em que foram protagonistas, mas também um aprofundamento filosófico à luz dos riscos que podem surgir ao aproximar duas figuras que atuam com posicionamentos e em contextos distintos. Examinar essas duas figuras em perspectiva pela primeira vez contribui para explorar as relações dos movimentos anticolonialistas italianos com a Guiné-Bissau — e em

consequência com Cabo Verde, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe — confirmando os aspectos de originalidade e inovação deste estudo.

Essa reflexão insere-se no quadro teórico dos estudos pós-coloniais e culturais, construindo-se sobre a interação entre aspectos históricos e literários. As fontes obtidas por meio da pesquisa documental no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e na Fundação Mário Soares em Lisboa enriqueceram a narrativa e o entrelaçamento biográfico que se desenvolve em torno de três pontos de proximidade: a importância das relações familiares e das viagens, o intercâmbio com as massas populares,⁺ a perspectiva internacional.

A investigação sobre os pontos de contato de seus pensamentos — cultura, língua e poesia — baseia-se nos discursos de Cabral: *Resistência cultural, Libertação nacional e cultura, O papel da cultura na luta pela independência* e *Apontamentos sobre poesia caboverdana*; e nos textos de Joyce Lussu: *L'acqua del 2000, L'olivastro e l'innesto, Joyce L. Una vita contro* e *Tradurre poesia*. Articula-se e verifica-se a correspondência destes elementos com aqueles discutidos no II Congresso de Escritores e Artistas Negros¹ realizado em Roma em 1959, analisado por Di Eugenio & De Rosa (2023), uma vez que o Congresso é precursor da ligação entre a Itália e as ex colônias portuguesas. Naquela ocasião, de fato, já havia sido traçada a conexão entre escritores, luta pela independência e desenvolvimento cultural, bem como o uso das línguas ocidentais e a importância das traduções.

Sobre a importância das relações familiares e das viagens

As semelhanças nos percursos de vida de Joyce Lussu e Amílcar Cabral são identificadas desde o contexto de nascimento repleto de oportunidades e desafios. Trata-se da Região Marche, na Itália, onde nasceu Lussu em 1912 e o ambiente rural da Guiné-Bissau onde Cabral nasceu em 1924. Para ambos, as viagens tornaram-se uma componente essencial para ampliar suas perspectivas políticas e culturais.

Vincenzo Russo (2024) reconstrói a gênese do terçomundismo de Lussu, baseado em posicionamentos antifascistas e anticolonialistas que se configuram no seio familiar. Criada pelos pensamentos antimilitaristas e progressistas dos pais, para Lussu o antifascismo tornou-se uma abordagem prática quando ela ainda era uma menina, após as agressões sofridas pelo seu pai Guglielmo Salvadori —

¹ “Résolution concernant la Littérature”, in Archivio Lúcio Lara: <https://www.tchiweka.org/documento-textual/0005000025#&gid=2&pid=6> (último acesso: 10/12/2024).

professor universitário e primeiro tradutor para o italiano do filósofo Herbert Spencer — e pelo seu irmão Max às mãos de um grupo de fascistas: “e giurai a me stessa che mai avrei usato i tradizionali privilegi femminili: se rissa aveva da esserci, nella rissa ci sarei stata anch’io” (Lussu 2012, 41). Lembra que desde a infância teve uma educação baseada em escolhas e até o sobrenome se tornaria uma escolha. Nascida Gioconda Salvadori, passará a assinar como Joyce Lussu: “Joyce” não é mais do que um diminutivo, mas a adoção do sobrenome do marido é um gesto político.

Antes mesmo de se tornar uma prática consolidada, o anticolonialismo de Lussu se delineia como uma abordagem precursora nas dinâmicas de poder, começando com aquelas que regem a relação entre homem e mulher — reconhecendo-as como a forma de colonialismo mais antiga — e chegando às dinâmicas opressivas dos países colonizadores sobre os colonizados. A partir de 1944, na Sardenha, se reconecta com um saber antigo e instintivo e estrutura o seu sentimento anticolonialista que começara a se manifestar na Líbia e no Quênia nos anos Trinta, durante suas primeiras viagens à África. Foi lá que traduziu as obras de Gandhi, mas não chegou a publicá-las apesar do apoio do filósofo Benedetto Croce e do interesse da editora Laterza dentro da coleção *Biblioteca di cultura moderna*, pois, ao retornar à Europa, Lussu dedicou suas energias inicialmente ao Partido Comunista Italiano (PCI) e, depois, ao movimento político *Giustizia e Libertà* (Langiu e Traini 2007). As vicissitudes da fugitiva, empenhada em falsificar passaportes entre 1940 e 1945, constantemente em fuga junto ao marido Emilio Lussu pelos países da Europa ocupada pelo nazifascismo — Itália, França, Espanha e Portugal — entre trocas de identidade e encontros miraculosos, são condensadas na forma de romance histórico, relato biográfico e diário em seu primeiro texto: *Fronti e frontiere* (Edizioni U 1945).

O ano de 1945 é um ponto de virada significativo na história mundial e também nas trajetórias de Lussu e Cabral que — em latitudes diferentes — estão empenhados em definir ainda mais solidamente o rumo de suas vidas. Em 25 de abril de 1945 é decretada a libertação da Itália da ocupação nazista e a derrota definitiva do fascismo. Em Lisboa também chega o eco da liberdade conquistada na Europa, mas Portugal terá que resistir por mais trinta anos antes de proclamar o fim da ditadura.

Nesse mesmo ano Cabral chega a Lisboa para estudar agronomia no Instituto Superior de Agronomia (ISA). Ele é um dos primeiros africanos que realizam estudos universitários e ainda olha para o mundo com os olhos do colonizado. No contexto universitário Cabral entra em contato com movimentos que se contrapõem à mitologia patriótico-clerical com a qual o salazarismo encobre seus abusos e afasta o internacionalismo marxista. Logo, ideias marxistas e leninistas, o interesse pela mobilização das massas camponesas de Mao e o

panafricanismo começam a influenciar seu pensamento e assim se livra do abstracionismo que aprisionava o olhar daqueles que sonhavam em se acomodar no bem-estar da burguesia colonial.

Cabral vinha de uma pequena burguesia guineense e aprendeu a ler e escrever sob a orientação do pai, um mestre com uma formação básica e uma sincera paixão literária que conseguiu transmitir-lhe juntamente com a consciência política que o levou a denunciar a administração colonial. Com a família, movida pela busca de condições mais favoráveis, migra do árido arquipélago de Cabo Verde para a Guiné-Bissau.

Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache de Langue Française, introduzida pelo ensaio de Jean-Paul Sartre *Orphée Noir*, que se tornará o manifesto da Negritude, será a obra que mudará a visão do mundo e da África de Cabral (Carneiro de Sousa 2013). Posteriormente, ele aprimorará seu pensamento, moldando-o à realidade local, despojando-o da Negritude e de algumas visões fanonianas.

Enquanto isso, na Casa dos Estudantes do Império (CEI) em Lisboa - a instituição de ensino superior estabelecida em 1943 para criar uma continuidade política e espiritual entre Portugal e as antigas colônias e reforçar o sentimento de portugalidade - formavam-se as figuras de destaque do Movimento Anticolonial (MAC): Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Lúcio Lara e Marcelino dos Santos. Entre eles agitava-se um debate sobre a escolha de se tornar assimilados com base na sua educação superior, ou se mobilizar para desafiar o sistema de dominação colonial. Cabral encontra sua resposta pessoal na Resistência portuguesa antifascista, no Movimento pela Paz, na organização do Centro de Estudos Africanos e na célebre revista *Présence Africaine*.

Na Itália, Lussu — posteriormente condecorada com a medalha de prata ao valor militar por sua atividade partigiana — se dedica à política, especialmente à defesa dos direitos das mulheres. Viaja pelo sul do país: Puglia, Calábria e Sicília, mas também pela Sardenha. No pós-guerra será dirigente nacional da UDI (União das Mulheres Italianas) e responsável pelas seções femininas no PSI e no PCI, mas nutria fortes dúvidas sobre a perspectiva de gênero adotada dentro dos partidos (Ferru 2020). Considerava limitantes os vínculos impostos pela UDI, o seu pensamento feminista se distanciava daquele das comunistas e socialistas da Resistência, configurando-se simultaneamente como precursor — próximo à visão do movimento de '68 — e antigo — ao atribuir um estatuto especial à mulher. Após 1945, mal se reconhecera na política partidária italiana, iniciando o período de Internacionalismo através do Movimento Mundial pela Paz e renovando os valores da Resistência no movimento terçomundista e anticolonialista.

O encontro com as massas populares

É o encontro com as massas populares, situado fora do seu campo pessoal, pois inserido em contextos e situações histórico-políticos e sociais diferentes, que permite a Lussu e a Cabral refletirem sobre uma dimensão que vai além da singularidade do “eu” para fortalecer e dar profundidade à sua identidade e ao seu pensamento.

Ada Milani (2016) observa que Cabral usa o termo "massas populares" para se referir à categoria social que preservou sua própria cultura, ao contrário das classes assimiladas. A superação dessa fratura em favor da unidade nacional dá origem ao conceito de "retorno às fontes".

A formação acadêmica, o conhecimento das principais línguas europeias e a desenvoltura cosmopolita são elementos que permitiram a Lussu realizar um trabalho significativo no movimento político *Giustizia e Libertà*, consagrando assim seu compromisso com a Resistência. Isso marcou a transição de uma abordagem teórica, aperfeiçoada nas universidades alemã, francesa e portuguesa, para uma abordagem que sabe combinar teoria e prática.

De maneira semelhante, Cabral no texto *A arma da teoria* (1966) escreve que “se é certo que a teoria sem prática é uma perda de tempo, não há prática consequente sem teoria” (Comitini 1980, 47). Para Cabral a luta era um vasto campo de conhecimento participativo, de pensamento e de ação, dois elementos em relação dialética entre si: “imparare nella vita, imparare dal nostro popolo, imparare dai libri e con l'esperienza degli altri. Imparare sempre” (Alegre, 1984, 33).

Aristides Pereira (1984) reconhece que o eixo central do projeto de libertação de Cabral era a formação das pessoas, todas, começando pelas crianças; sua palavra de ordem: “formare degli uomini”. Cabral tornou-se o “pedagogo della formazione” (Alegre 1984, 29) e a Escola Experimental tornou-se fundamental para direcionar a luta.

Após concluir os estudos universitários Cabral trabalha no Escritório Provincial de Serviços Agrícolas e Florestais na Guiné-Bissau. Em dois anos percorre o território aventurando-se nos cantos mais remotos. O diálogo, as palavras precisas e ponderadas, a escuta atenta e participativa, o alinhamento de ideias. Ele não procura a si mesmo nos rostos e nas palavras dos líderes das etnias, dos camponeses, dos jovens e das mulheres: o encontro é uma troca sincera e recíproca para o fortalecimento de uma identidade comum (Pereira 1984). Esse trabalho o conduz a um conhecimento gigantesco da Guiné-Bissau e complementa a capoverdianidade absorvida na juventude tanto nas áreas rurais quanto na cidade de Mindelo. A soma dessas experiências, cheias de geografias tão diversas e de rostos autênticos encontrados em Cabo Verde, Guiné-Bissau e Portugal,

transforma ainda mais seu pensamento, favorecendo tanto a compreensão do fenômeno colonial em sua totalidade quanto o sucesso da luta armada contra o colonialismo português. A classe camponesa inicialmente não tinha uma percepção clara da exploração a que estava sujeita e nessa empreitada Cabral tornou-se “l’ingegnere delle coscienze” (Alegre 1984, 30). Para o povo ficou evidente que o agrônomo trazia um projeto muito maior do que o censo agrícola e pouco a pouco foi consolidando a ideia da libertação nacional (Pereira 1984). As autoridades portuguesas também perceberam que Cabral queria promover uma mudança profunda no país e em 1955 o obrigaram a deixar a Guiné-Bissau para continuar suas atividades de pesquisa em Angola (Carneiro de Sousa 2013). Assim acrescentou outras geografias e outros rostos à sua experiência. Neves (2017) analisa as influências incorrer no termo “povo” utilizado por Cabral: a sua formação de agrônomo e a ideologia anticolonialista que encaixam no quadro mais amplo do liberalismo do século XIX e do marxismo europeu novecentista. Cabral funda o *Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde* (PAIGC) junto com Aristides Pereira, Luís Cabral, Fernando Fortes e Júlio de Almeida, quando, exilado em Angola, realiza a sua primeira visita autorizada à Guiné-Bissau em 1956.

Lussu também se conecta com as massas populares. Escreve que “l’Italia che conoscevo era fatta di vagoni di terza classe”. Se cerca das “persone più interessanti e moralmente più pulite; ed erano tantissime, da quelle che avevano studiato molto, alle donne, ai contadini, agli artigiani senza letture ma con colture ricchissime della manualità e della natura, uniti tutti da una comune coscienza civile” (Lussu 2012, 51). Seu interesse sincero pela humanidade permanece sempre vivo e em idade avançada renunciará às palavras difíceis para encontrar os jovens estudantes e compartilhar seu testemunho sobre a Segunda Guerra Mundial.

Ela se define como uma “proletarizzata dalla lotta” (Ballestra 2022, 18) devido ao fato de que, junto com sua família, decidiu viver longe dos privilégios de sua classe social. Mas é no final da guerra que Lussu dá um rosto à pobreza: ela a reconhece nas rugas dos rostos endurecidos pelo sol, pelo vento e pela fome dos habitantes da Sardenha. Em *L’olivastro e l’innesto* Lussu narra o fascínio que sente pela Sardenha e pelas mulheres sardas, especialistas na geografia humana e nos problemas públicos e privados da comunidade, que usam palavras simples e precisas para descrever o real. Esse encontro é tão intenso e perturbador que se tornará um verdadeiro “innesto” (Lussu 2018).

O encontro com o povo às vezes a surpreende ao lhe devolver uma amarga consciência:

E poi l’incontro fra il villaggio e l’Europa: è proprio allora che ho dato le mie dimissioni da Europea perché ho riconosciuto in questa mia cultura europea il

limite dell'eurocentrismo, di simboli e modelli che sono negativi. [...] La Sardegna è stata una porta per il mondo, un rapporto con la gente-gente. (Lussu 2018, 190)

O encontro com o mundo agropastoril sardo conecta um “centro”, aquele da Itália continental e das relações intelectuais europeias, com uma “periferia” composta por “sterpi e [le] rocce di villaggi desolati dallo sfruttamento e dall'incuria di poteri estranei e sprezzanti” (Lussu 2018, 12) dos quais sente que deve aprender. Lussu vai à origem do humano, despojando-o do supérfluo para valorizar o que mais importa: o bom senso. Essa busca aproxima Lussu a ideologia cabralina, que coloca a pessoa no centro e apaga a classe social e transforma a luta em um processo de unificação nacional entre as várias etnias e as classes sociais camponesa e burguesa. O intelectual africano articula a variedade das identidades político-culturais étnicas com as dimensões socio-econômicas das diferentes categorias sociais africanas, igualmente envolvidas no processo de transformação econômica. A tentativa de Cabral é mobilizar toda a população segundo as tradições na perspectiva do progresso científico, numa tensão constante em direção à unidade nacional. Paulo Freire observa que Cabral fez uma leitura africana e contemporânea de Marx (de Oliveira Santos 2021), iluminada por seu profundo conhecimento das colônias, da colonialidade e da violência racial. Cabral reflete sobre a impossibilidade de sustentar o conceito de luta de classes em uma perspectiva universal, dado que a ausência de um processo de industrialização havia impedido a formação de uma classe operária africana sobre a qual o marxismo institucional tradicionalmente se apoiava.

A luta de classes, por outro lado, é uma categoria interpretativa do anticolonialismo feminista de Lussu, pois as contradições de classe também atravessam o universo feminino: “all'interno del mondo femminile, i termini della lotta di classe erano chiarissimi. Donne contro donne, uomini contro uomini” (Lussu 2022, 32).

O Mundo: ida e volta

Lussu e Cabral transferem de forma dinâmica visões globais para a periferia e visões periféricas para o centro do mundo, numa perspectiva de constante e mútua contaminação.

Cabral completou seus estudos com sucesso no ISA e enquanto a sintonia com outros estudantes originários de Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe — filhos da pequena burguesia como ele — se tornava mais forte, seu caminho de vida se foi esclarecendo: voltar para a África e mobilizar as consciências africanas em torno do discurso de Leopold Senghor sobre o valor da identidade negra, forjar o orgulho do povo africano por sua cultura e “illuminare le loro menti con informazioni scientifiche” (Glisenti 1984, 18). Foi assim que nasceu sua pedagogia

político-cultural. Cabral afirmava que aqueles que tiveram a oportunidade de receber uma formação superior no exterior deveriam participar da luta de libertação e da subsequente reconstrução da sociedade trabalhando de perto com as massas populares e com os dirigentes: “isso se aplica a uma pessoa que sabe mais, que estudou mais e que vem para nos ajudar. Misturar-se, se confundir, mas não esquecer que é preciso ajudar a se levantar cada vez mais” (Cabral 1969, 19).

“Cabral ha imparato educando gli altri” (Alegre 1984, 33) e na selva junto ao povo ou nas cidades com representantes do mundo intelectual europeu, continuava a amadurecer sua visão de mundo e a definir esquemas locais e internacionais. Ele expressava seu pensamento com palavras simples para alcançar as massas camponesas e os companheiros do PAIGC; por outro lado unia as aspirações das comunidades em um pensamento capaz de alimentar os debates internacionais e de influenciar a comunidade política e religiosa.

A intuição intelectual e prática, os esforços e o compromisso de Cabral, Neto, dos Santos e Mondlane levaram a luta das ex-colônias africanas portuguesas a se inserir em uma dimensão global contra a hegemonia dos países ocidentais. Partindo de um contexto no qual não existia uma classe social preparada para conduzir uma revolução, os líderes africanos forneceram ao povo as ferramentas necessárias para se tornarem protagonistas de seu próprio processo histórico e sair do anonimato imposto pela ocupação colonial. Nessa operação se insere o apoio político e cultural do anticolonialismo italiano. Na verdade, o conceito de “casa” de Lussu mergulha em uma visão planetária como morada de todos os seres humanos, irreduzível ao pedacinho do mundo que se habita. Em busca de poetas para traduzir e alianças a serem firmadas para construir a paz, o desarmamento e apoiar os movimentos anticolonialistas, Lussu viaja da Europa para a América, passando pelo Oriente Médio e pela África, sendo testemunha do florescer de novas sociedades nos territórios libertados da Guiné-Bissau:

Seguiva una riunione universale di tutti gli abitanti del villaggio. Le prime cose da organizzare erano il magazzino del popolo, il pronto soccorso e la scuola. Tutto ciò era esaltante; vedevi come in definitiva, se fatte con buon senso le cose sono semplici. (Lussu 2012, 173)

Não existe um modelo de sociedade perfeito e transferível para outros, pois cada um é expressão de uma cultura local e Lussu invoca o “bom senso” e uma administração capaz de se renovar com base nos problemas reais para construir um modelo socioeconômico funcional.

Lussu e Cabral adotaram a resolução armada para combater o agressor nazifascista e o colonizador português, mas não se tornaram cúmplices da lógica de seu agressor. Após a repressão da greve de Pidjiguiti na Guiné-Bissau, a manifestação de Mueda em Moçambique e a greve da Baixa de Cassange em

Angola, iniciou-se uma reflexão nos Partidos africanos: não bastava adotar meios pacíficos de contestação, era necessário recorrer às armas. Após o massacre de Pidjiguiti começou a lenta e trabalhosa preparação política “come deve essere un corso di educazione psicologica e culturale” (Glisenti 1984, 15) que levou à declaração da luta de libertação: formar a população sobre seus direitos, despertar o interesse dos camponeses pela terra que sempre cultivaram, mas que nunca possuíram, “re-africanizar” a burguesia e criar um sentimento de unidade e orgulho pela própria identidade cultural.

Cabral adaptou as técnicas universais de guerrilha “alle condizioni geofisiche e umane, alla struttura socio-culturale della Guinea” e proibiu a destruição das infraestruturas, o terrorismo ou a violência contra os civis; afirmava: “non siamo militari, siamo militanti armati” (Pereira 1984, 31). O revolucionário havia definido claramente o inimigo: “il sistema coloniale portoghese e i suoi rappresentanti nei nostri paesi; un nemico che non è mai stato indicato né nel popolo portoghese né nelle correnti progressiste del Portogallo” (Pereira 1984, 31).

A experiência da luta demonstra como é utópico e absurdo pretender aplicar esquemas utilizados por outros povos durante a sua luta de libertação e soluções por eles encontradas para os problemas que tiveram que enfrentar, sem considerar a realidade local (e, especialmente a realidade cultural). (Comitini 1980, 68)

Glisenti (1984) relata que graças à colaboração dos Balantas, à mediação dos quadros do PAIGC e à “re-africanização” da burguesia, em menos de seis meses após o início efetivo da guerra (1963) conseguiu-se libertar o 15% da Guiné até chegar ao 60% em 1966. A livreira de *Paesi Nuovi* define como “distruzione creatrice della guerra” (Glisenti 1984, 21) o processo que uniu grupos étnicos, burguesia e proletariado na luta pela independência conquistada a partir de baixo. Também por isso, a ideologia cabralina assume uma dimensão mundial e não se restringe a uma perspectiva local.

A cultura no pensamento de Joyce Lussu e Amílcar Cabral

Lussu e Cabral percorrem o caminho da cultura permanecendo no campo, observando, participando e refletindo sobre as culturas locais, entendidas como o conjunto de sistemas específicos de comportamento e pensamento que se encontram em um determinado território e população. É um conceito de “cultura” que se aproxima do elaborado pela antropologia cultural: um conjunto de conhecimentos nos quais convergem as manifestações escritas e orais da tradição, as expressões musicais e coreográficas, os aspectos da vida sociopolítica e as crenças espirituais de um povo, ao qual somamos as cognições intelectuais.

Lussu se dirige a um público de leitores e leitoras dando espaço ao conceito de “cultura”, enquanto Cabral coloca a “cultura” como base de sua ideologia e no centro dos discursos que pronuncia diante de grandes plateias.

O ideólogo africano explica que não existe uma única cultura africana: existem várias *Áfricas* tanto no plano cultural quanto no econômico. No entanto, em qualquer caso, a cultura deve transcender seus próprios limites e abraçar as lutas de libertação para alcançar uma emancipação econômica e sociocultural do povo, em uma perspectiva progressista, fruto de um processo endêmico e não imitativo.

Para enfrentar o colonialismo português Cabral começa a investigar seu próprio território mergulhando na cultura local e popular, colocando-se em uma posição que vai além da cultura oficial. E é além dessa fronteira que encontra Joyce Lussu. Ela também havia cavado dentro de si mesma e de seu país e ali recuperou a existência de duas *Itálias*: “In Italia, vedi, esistono due “livelli” di cultura. [...] c’è qualcos’altro, sotto il ben misero suolo della cultura ufficiale” (Lussu 2012, 166).

Em *Joyce L. Una vita contro* há muitos referenciais à “cultura” entendida como saber intelectual e conceitual, ligada a uma tradição ocidental adornada por referências clássicas. No entanto, Lussu, que também tem familiaridade com o mundo concreto, sabe que a cultura não é uma prerrogativa da pessoa erudita, mas sim uma manifestação transversal que está presente na pessoa rica em experiências. Ela adquire essa conscientização quando visita pela primeira vez a Sardenha e começa a desconstruir a crença de que existe um único modelo de saber: “era una formazione eurocentrica e sottilmente coloniale, che misi in questione quando conobbi la Sardegna, e dalla Sardegna allargai i miei interessi a tutto il terzo mondo, alle sue rivoluzioni e ai suoi poeti” (Lussu 2018, 12). As semelhanças com a ideologia cabralina tornam-se evidentes quando ela começa a realizar atividades de *soutien* aos movimentos de libertação africana impulsionada pela convicção de que não se tratava apenas de uma questão política, mas também de uma questão cultural.

O colonialismo e o anticolonialismo abordam a “cultura” com grande interesse, embora o façam a partir de perspectivas diferentes sendo que o primeiro subestima a força cultural do povo africano. Observam Di Eugenio & De Rosa (2023) que o discurso de Fanon *Fondement réciproque de la culture nationale et des luttes de libération*, pronunciado durante o Segundo Congresso de Escritores e Artistas Negros (1959) define o novo paradigma da luta armada de libertação conectando-a pela primeira vez à cultura nacional e à literatura. Glisenti (1984) escreve que “la necessità di conciliare politica e cultura fu la prima acquisizione mentale degli intellettuali negri a Parigi come a Lisbona” (Glisenti 1984, 15).

Cabral sustenta que o povo resiste às opressões e humilhações somente se preserva a dignidade individual e coletiva que absorve de sua própria cultura.

Estando intimamente ligada à história e à identidade do povo, a “cultura” está na origem do movimento de Resistência, é uma arma na luta pela independência e de acordo com a lógica colonial deve ser oprimida. Cabral afirma que “se o domínio imperialista tem como necessidade vital praticar a opressão cultural, a libertação nacional é, necessariamente, um *ato de cultura*” (Comitini 1980, 59) e, por sua vez, a cultura é uma ferramenta da libertação nacional.

Cabral intui que a assimilação indígena era uma estratégia de alienação cultural cujo objetivo era criar uma divisão social entre a classe camponesa e os assimilados, enfraquecendo as estruturas sociais autóctones e facilitando assim a perpetuação do colonialismo. Por isso, ele queria resolver “lo squilibrio di conoscenza tra indigeni ed europei, tra piccoli funzionari dello Stato e contadini, tra le differenti etnie come, per esempio, i Balante e i Peul in Guinea” (Glisenti, 1984, 15) para que os guineenses se livrassem do medo que os paralisava diante do colonizador. Ao contrário de Fanon, Cabral envolveu também a burguesia na luta pela libertação visto que era a única que possuía os rudimentos necessários para substituir os colonos na gestão do novo Estado. Ada Milani (2016, 69) ressalta que para Cabral a burguesia deveria entrar em estreito contato com as massas populares, “retornar às fontes” para recuperar sua identidade e então — para alcançar um envolvimento efetivo e uma identificação absoluta com a classe trabalhadora — deveria “suicidar-se como classe”.

Roberto Vecchi (2020) retomando Marco Massoni (2001) destaca que o conceito de “retorno às fontes” em Cabral pode facilmente gerar um “equivoco conceitual relevante” se a sua ideia dominante for lida superficialmente. Na verdade, Cabral não se refere a um simples retorno às tradições, mas a um “retorno à vitalidade cultural das fontes do passado para a construção da libertação nacional” (Vecchi 2020, 6). Essa observação se conecta à “descolonização das mentes” — o último passo para desconstruir a supremacia cultural do colonizador na análise cabralina — que se resolve com o afastamento mental do colonizado em relação ao colonizador e com a eliminação dos elementos retrógrados que impedem o progresso. O líder invoca o desenvolvimento da cultura local com base nas evoluções científicas, depurada das crenças religiosas e enriquecida pelos saberes adquiridos no contato com os povos industrializados. Paralelamente observa o direito dos oprimidos de tecer a trama de sua própria história e Lussu enfatiza que antes de fazer história: “occorre fare i conti con la storia, mettendo a punto il nesso tra presente e passato in una tensione vitale proiettata verso il futuro” (Bettoni 2013, 24).

Cabral ajuda o seu povo a entender que a cultura, a identidade e as tradições “non sono solamente un deposito *tout court*, ma sono anche ed essenzialmente un *compito*, e perciò qualcosa che è sempre più da costruire che di semplicemente già dato una volta per sempre” (Lopes 2024, 84). Se à luta se soma a alfabetização, a

prática da democracia, da crítica e da autocrítica, então ela se torna uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento do nível cultural e, por sua vez, se permeia de cultura: a luta armada de libertação não é apenas um fato cultural, mas também um fato de cultura.

Tal aquisição é conhecida pelos intelectuais italianos cada vez mais a partir dos anos Cinquenta: traduções de poesias, disseminação de análises sociais e políticas, divulgação do pensamento político africano – assim como da literatura histórico-política e antropológica sobre os países da África em luta – estão no centro de uma ação anticolonialista que envolve o mundo editorial italiano.

Os foto-repórteres Romano Ledda, Uliano Lucas, Bruno Crimi e Bruna Polimeni desempenharão um papel fundamental na documentação e divulgação das ações de guerrilha na Guiné-Bissau com o propósito de “internacionalizar” as lutas das ex-colônias. São numerosos os jornais que publicam reportagens dedicadas aos líderes revolucionários, como *l’Unità*, *Il Manifesto* e *l’Avanti!*, entre as revistas culturais periódicas de circulação nacional destacam-se *l’Astrolabio*, *Rinascita* e *Mondo Nuovo*. Os editores Feltrinelli, Mondadori, Lerici e Einaudi, junto com Marcella Glisenti - livreira da Livraria Internacional *Paesi Nuovi* - também oferecerão seu apoio.

Neste dinâmico panorama repleto de colaborações culturais, no início dos anos Sessenta Lussu se dedica a apoiar as lutas africanas criando redes internacionais para destacar o problema das colônias portuguesas, oferecendo ajuda material e criando vínculos de solidariedade cultural. O seu trabalho era conhecido pela PIDE, que em 18 de fevereiro de 1964 relatou:

Joyce Lussu [...] Sabe-se que é nos meios intelectuais portugueses onde a epigrafada exerce a sua acção, ligada ao escritor Urbano Tavares Rodrigues que é amigo pessoal de Giancarlo Vigorelli e a quem Joyce Lussu está também ligada, tanto no Comité Italiano para a Libertação de Portugal e Espanha, como na Comunidade Europeia de Escritores Latinos².

Em 1965, juntamente com Mario Albano, Joyce Lussu funda a Associazione per i Rapporti con i Movimenti Africani di Liberazione (ARMAL) com o objetivo de estabelecer contatos com organizações internacionais, dar visibilidade a aquelas lutas de libertação e garantir aos dirigentes e militantes cursos de saúde, tipografia, para operadores de rádio e hospitalizações (Albano, 2003). Lussu integrará o Centro di Documentazione “Frantz Fanon”, o Comitato per l’Amnistia e le Libertà Democratiche del Portogallo e la Comunità europea degli scrittori (Comes).

² PIDE/Archivo Nacional de la Torre do Tombo, Joyce Lussu que se prepara para vir a Portugal, SC, SR 1842/62, NT 3200, Archivo Nacional de la Torre do Tombo, Lisboa, Portogallo.

A África fala a língua da Europa

O PAIGC reforça a presença de escolas nas zonas libertadas, consolida o corpo docente, reformula os programas das disciplinas e substitui os livros de leitura.

Claro que nas nossas escolas devemos retirar tudo o que os colonialistas fizeram, tudo o que mostra a mentalidade dos colonialistas. Começamos a fazer isso imediatamente, publicando livros novos, falando sobre o nosso Partido, a nossa luta, a nossa terra, o presente e o futuro do nosso povo, os direitos do nosso povo. (Cabral 1969, 17)

Cabral promove o afastamento do sistema escolar português em favor de uma pedagogia decolonial politicamente orientada e capaz de criar uma autêntica cultura nacional, reconhecendo a língua como “uma das melhores coisas que os portugueses nos deixaram, porque a língua, não é prova de nada mais, se não um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar” (Cabral 1969, 19-20).

A questão linguística é estratégica. De Marchis (2022) esclarece que em 1961 apenas o 0,8% da população dos PALOP falava a língua portuguesa, pois a administração colonial não havia promovido o aprendizado da língua. Assumir o português como língua veicular não só facilita a comunicação entre diferentes etnias e, portanto, a unidade nacional, mas também permite à África interpretar os códigos que regem a Europa mantendo os pés na sua própria terra. Isso era também conhecido pela Comissão de Literatura no Congresso de 1959 que contemplava o uso das línguas ocidentais:

Il faut cependant souligner le caractère progressif de l'emploi des langues occidentales dans la mesure où elles permettent une économie de temps, dans l'édification de l'Afrique nouvelle. Cette remarque ne saurait contrevenir à l'obligation de développer les langues autochtones³.

Milani (2016) ressalta que a decisão dos líderes africanos de adotar o português como língua oficial das ex-colônias — promovendo, no entanto, a proteção e valorização das línguas autóctones — contrasta com as teses de Fanon que via o ensino das línguas nacionais dentro de um sistema educacional completamente reformado pelos movimentos de libertação. Os revolucionários dos PALOP, por outro lado, filtravam os aspectos que permitiam alcançar a libertação nacional, que

³ “Résolution concernant la Littérature”, in Archivio Lúcio Lara: <https://www.tchiweka.org/documento-textual/0005000025#&gid=2&pid=6> (último acesso: 10-12-2024).

não se esgota na conquista da independência, mas sim na plena emancipação do povo.

Para apoiar o uso da língua portuguesa, Cabral apela ao sistema de regras gramaticais padronizadas e à evolução lexical da língua europeia, juntamente com os progressos científicos.

Em *Tradurre Poesia* Lussu conta que se dirigiu a Conakry com o propósito específico de estudar o crioulo e traduzir o volume de poesias publicado pela editora parisiense *Maspéro* na língua crioula da Guiné-Bissau e Cabo Verde mas sem tradução ao lado (Lussu 2019). Em 9 de abril de 1966 o comissariado da PIDE em Praia, Cabo Verde, documenta:

Os jornalistas Joyce Lussu, de nacionalidade italiana e Michael Goldsmith, de nacionalidade norte-americana estiveram no princípio do corrente ano no norte da Província da Guiné, a convite do PAIGC, para recolherem elementos para artigos jornalísticos⁴.

Na carta dirigida a Pereira — nome de código: Xido — na terça-feira, 19 de abril de 1966, Cabral se refere a “Joyce”:

Joyce. Uma chateada que vem [...] a nossa vida num momento de gran trabalho mandei dizer que a visita de ela agora não nos convinha. Se viera que o [...] a acompanha, mas que ela não nos chateie muito, embora seja uma amiga de que gostamos muito. Que faça uma visita e se vaja embora⁵.

Em 21 de abril de 1966, Lucette de Andrade escreve a Cabral: “comme Joyce Lussu va aller à l'intérieur, j'aimerais aussi partir avec elle”⁶. De Andrade participou da guerrilha e teve um papel de representação do PAIGC no exterior. A PIDE relatou sobre ela que “proferiu declarações, apelou à ajuda concreta dos jornalistas aos povos da Guiné e de Cabo Verde”⁷.

Na carta de 24 de abril de 1966, Cabral informa Pereira que “Joyce o [...] vai também acompanhar-le no interior, ele segue comigo no Boè mas volta amanhã

⁴ PIDE/Archivo Nacional de la Torre do Tombo, Joyce Lussu chega no norte da Província de Guiné, SC, SR 1842/62, NT 3200, Archivo Nacional de la Torre do Tombo, Lisboa, Portugallo.

⁵ (1966), Sem Título, Fundação Mário Soares / DAC - Documentos Amílcar Cabral, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_35062 (último acesso: 15-5-2024).

⁶ (1966), Sem Título, Conakry, Fundação Mário Soares / DAC - Documentos Amílcar Cabral, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_35059 (último acesso 11-11-2024).

⁷ PIDE/Archivo Nacional de la Torre do Tombo, Luís Severino de Almeida Cabral, SC SR 259/60, NT 2981.

para esperar a Joyce aqui em Boké. Já [...] que a Lucette também vai, seriam pois 4 com o [nome]. É preciso estudar bem, com todos, o [...] Lucette”⁸.

Em 18 de julho de 1966, a Rádio Portugal Livre transmite algumas anotações sobre aspectos militares, administrativos e econômicos que Lussu registrou durante sua viagem às zonas libertadas; sua atenção também se volta para as escolas:

Muita atenção dispensam os patriotas aos problemas das escolas. Há trinta e seis no norte e quarenta no sul. Os programas e os livros são experimentados numa escola piloto que o PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE instituiu em Conakri. Os alunos mais dotados são depois enviados a seguir cursos universitários. [...] Existem também cursos de especialização para enfermeiras, eletrotécnicos. [...] Uma jovem italiana partirá brevemente para trabalhar num desses hospitais. Será a primeira mulher branca a trabalhar com as forças de libertação da Guiné Portuguesa⁹.

Lussu considera altamente valiosos os novos manuais de estudo elaborados pelos professores guineenses que “riuniti a Conakry, dove esiste da alcuni anni la scuola sperimentale del PAIGC, [...] hanno discusso i nuovi testi di pedagogia, di storia, di economia, di sociologia” (Lussu 2019, 82).

Sua contribuição para o novo sistema escolar nas ex-colônias portuguesas pode ser encontrada na publicação dos manuais: *História de Angola* (1968) e *A Vitória é Certa: Guia para a Alfabetização* (1970) ambos organizados pela ARMAL. Neste último texto, criado para promover a difusão e adoção da língua portuguesa na África, a introdução é assinada por Joyce Lussu.

Lussu observa que os africanos não utilizam gratuitamente a língua europeia: a cultura portuguesa paga uma dívida contraída muito tempo antes com a cultura africana. Nessa dinâmica o poeta e o literato cumprem seu papel ao usar a língua do opressor sem que isso implique um maior envolvimento. Para que a língua fosse aprendida por toda a população precisava sair das salas de aula e se moldar às necessidades comunicativas dos indígenas que queriam explicar as questões mais urgentes, aquelas relacionadas à sementeira, à colheita, à produção, às carestias e à fome. A língua usada pelos poetas é elástica e se adapta às formas da realidade, enquanto a poesia se veste de ritmos e vocábulos totalmente africanos, para oferecer um texto compreensível a todos os cidadãos da nova nação.

⁸ (1966), Sem Título, Fundação Mário Soares / DAC - Documentos Amílcar Cabral, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_35026 (último acesso 15-5-2024).

⁹ PIDE/ Archivo Nacional de la Torre do Tombo, Rádio Portugal livre, SC SR 1842/62, NT 3200.

A poesia revolucionária de Amílcar Cabral e Joyce Lussu

Lussu e Cabral conferem à arte um propósito utilitário, político e social. A cultura oferece-lhes uma perspectiva para observar e refletir sobre a vida, enquanto a arte lhes fornece ferramentas para agir no mundo. No cenário das expressões artísticas, ambos direcionam sua atenção para a poesia, não apenas por ser a forma que escolheram para se expressar, mas também por sua utilidade nas lutas de libertação. A poesia é uma expressão cultural que nasce do vínculo entre o povo, o território e o poeta. Essa visão está em sintonia com o Congresso de 1959 que reconheceu as expressões orais como uma fonte essencial para o desenvolvimento das culturas negro-africanas e de sua ética.

No século XX a prática poética nas ex-colônias portuguesas está relacionada com a tradição oral das populações nativas, com a progressiva tomada de consciência das classes subalternas sobre a exploração de que são vítimas e com a afirmação do movimento político e cultural de libertação.

A condição de analfabetismo em que se encontrava a maior parte da população nas ex-colônias africanas alimentava uma rica tradição oral que confiava a transmissão do conhecimento aos anciãos — guardiões da memória coletiva no seio da família — e aos animais considerados filósofos e portadores da sabedoria popular no âmbito literário. Lussu explica que “i versi riesci a memorizzarli più facilmente, è chiaro, si tratta d’una caratteristica tanto più vera per gente che se pure non ha scrittura ha certamente maggiore memoria di noi” (Lussu 2022, 41-42). A linguagem poética é acessível a um público amplo porque trata de coisas concretas, “il loro partire dall’umano, dal corpo, dalla natura, dalla vita. È questo il giusto punto di partenza dal quale puoi arrivare dove vuoi” (Lussu 2022, 213).

A poesia torna-se expressão e instrumento do movimento de independência, mas, enquanto para Cabral serve para narrar a realidade, para Lussu é uma ferramenta para investigá-la. A atenção ao uso da linguagem poética transforma-se em uma prática antropológica lussiana, capaz de se infiltrar nas complexidades políticas e socioculturais das ex-colônias portuguesas. Isso se deve à capacidade da poesia de falar por imagens, de maneira imediata, e de divulgar o vínculo que une história, cultura e identidade das populações. Sendo depositária desse vínculo, a poesia, por um lado contribui para a formação de uma cultura local; por outro torna-se um valioso arquivo de informações que atravessa a tensão temporal: investiga o passado e o presente, enquanto aponta para o futuro.

“Lo studio di un poeta africano poteva aiutarmi ad acquistare una conoscenza meno superficiale delle nuove situazioni”, afirma Lussu (1993, 53). Russo (2024) explora o papel de Lussu como tradutora-mediadora de poetas africanos, empenhada em devolver-lhes uma voz com a qual pudessem apelar a

solidariedade internacional. Em *Tradurre poesia*, Lussu relembra as vicissitudes que a ligam a Agostinho Neto, a José Craveirinha e o seu interesse pelos poemas de dos Santos. A tradução é uma das atividades pelas quais Lussu será mais lembrada e a tradução de poesias de luta torna-se a síntese das três ações que caracterizam sua trajetória: é a agulha que costura o mapeamento de contatos internacionais, os auxílios materiais e a solidariedade cultural.

A singularidade de seu método de tradução — que se distancia dos enfoques acadêmico-filológicos — reside no critério de cumplicidade entre autor e tradutor: “tutti i poeti sono traducibili, purché il traduttore abbia qualcosa in comune con loro” (Lussu 1993, 58), mesmo sem dominar perfeitamente o idioma. Além disso, Lussu aproveita a vantagem de quem “traduce dunque non da lingua a lingua, ma da senso poetico a senso poetico” (Pisuttu 2015, 175) uma vez que a poesia já fazia parte de sua linguagem cotidiana. De 1922 a 1926, publicou poesias na revista mensal *L'amico dei fanciulli*, e a partir de 1927 na revista suíça *Unsere Jugend*. Em 1939, publicou com a Editora Ricciardi sua primeira coletânea de poesias, intitulada *Liriche*, resenhada por Benedetto Croce em sua revista *La Critica*. Em 1989 lançou sua segunda coletânea de poesias *Inventario delle cose certe* pela editora Livi, e *Understatement* pelo Centro Internazionale della Grafica.

Conoscevo anche, per averlo incontrato a vari congressi internazionali, il segretario del PAIGC Amílcar Cabral, e mi aveva colpito la sua cultura moderna, l'organica lucidità del suo pensiero e del suo modo di esprimersi. Cabral non scrive versi, ma certamente la sua prosa scritta o parlata nelle lingue che padroneggia — portoghese, francese, spagnolo — ha uno stile superiore e si può dire, anche un colore poetico nel linguaggio sempre pensato al di fuori dei luoghi comuni, nella capacità d'inventare espressioni originali per descrivere la realtà presente o proiettarsi nel futuro razionale possibile. (Lussu 2019, 78)

A linguagem de Cabral, rica em metáforas, penetrante, mas ao mesmo tempo simples, capaz de cativar e galvanizar quem o ouvia, é fruto do amor pela literatura e de ter composto, em sua juventude, contos e poesias inspirados nos movimentos *Claridade* e *Certeza*, passando pela *Academia Cultivar*. Em 2019, a Fefè Editore publica *Rosa Negra. Venti poesie per un mondo migliore*, a primeira edição em língua italiana — com o texto original em português ao lado — de uma seleção de vinte poesias de Amílcar Cabral. É um texto precioso porque permite aos italianos conhecer o Cabral poeta.

Sobre a função do poeta, Cabral escreve: “Os poetas, agora, são homens comuns que caminham de mãos dadas com o Povo e de pés fincados na terra” (Cabral 1952, 7). O ideólogo aposta em uma evolução da poesia cabo-verdiana, na qual o poeta reinterpreta o desejo de evasão dos africanos, que não deverão mais se identificar com o sonho de partir, mas sim com o sonho de “outra terra dentro

da nossa terra” (Cabral 1952, 8). Esta era a vibrante perspectiva que guiava os movimentos anticolonialistas africanos e italianos.

Conclusões

O trabalho apresentado tem fronteiras permeáveis: não foram encontradas evidências do encontro entre Amílcar Cabral e Joyce Lussu, embora o conhecimento mútuo entre eles seja testemunhado tanto pelas declarações de Lussu quanto pelo material de arquivo encontrado e pela literatura que verificou sua participação nos quatro eventos em que se consolidou o vínculo de solidariedade internacional entre a Itália e os PALOP entre 1960 e 1974. Além disso, constata-se que as fontes de arquivo preservadas na Fundação Mário Soares e no Arquivo Nacional da Torre de Tombo em Lisboa, permitem reconstruir os acontecimentos que ligam Lussu à Guiné-Bissau, o mais tardar, até 1966. No entanto, isso não prejudica o resultado da investigação.

A intuição de aproximar Cabral e Lussu para investigar o vínculo de solidariedade cultural nasce de seu perfil intelectual de grande envergadura internacional. Isso permite aprofundar o pensamento que sustenta esse vínculo e contribui para explorar de maneira mais aprofundada a relação entre a Itália, a Guiné-Bissau e Cabo Verde, uma relação menos explorada em comparação com aquela da Itália com Angola e Moçambique, embora igualmente fundamental.

No decorrer deste trabalho foi observada a premissa fundamental de associar cada um deles a um diferente nível de ação nas lutas de libertação e a análise de seus textos foi conduzida a partir de dois estilos retóricos distintos. A reflexão cabralina sobre a política e o desenvolvimento integral contribui para o florescimento do renascimento africano e Cabral será reconhecido como um dos mais importantes ideólogos e políticos do processo de descolonização africana e um dos maiores líderes do século XX. O apoio de Lussu à libertação das ex-colônias africanas se materializa em uma atividade cultural diversa e rica que se entrelaça com a ação política — e vice-versa — tornando-a, no pós-guerra, um ponto de referência no cenário intelectual internacional.

Os arquivos referentes a estas duas personalidades estão estreitamente ligados e são uma fonte valiosa para reconstruir as vicissitudes internacionais que contextualizam o encontro entre Lussu e Cabral. Os documentos da PIDE demonstram que Lussu, após sua experiência na Resistência, estabelecia relações e iniciava processos de apoio político-cultural com o objetivo de libertar Portugal do fascismo e do colonialismo. A correspondência analisada confirma a presença de Lussu na Guiné-Conakry em abril de 1966, acompanhada de Aristides Pereira e Lucette de Andrade. Assim, dois novos elementos são adicionados ao mosaico das relações entre Lussu e o PAIGC. Fontes de arquivo mostram que Lussu entrou

no país juntamente com a jornalista Michael Goldsmith para coletar informações sobre os aspectos militares, administrativos e econômicos da Guiné-Bissau, que seriam divulgadas por meio da Rádio Portugal Livre.

Assumindo a diversidade do contexto sociopolítico de origem, foram explorados os elementos que unem as duas figuras com método descritivo e de entrelaçamento biográfico. Foram costurados os pedaços de vida, as palavras que os definem e os pensamentos amadurecidos seguindo o fio condutor que parte de suas próprias trajetórias, de suas famílias e da dimensão da viagem, passando pelo encontro e pela troca com as massas populares, o que lhes permite construir uma identidade comum que os orienta na luta, para finalmente se inserirem em uma perspectiva mais ampla, mundial. Ida e volta do local ao global, numa dinâmica de enriquecimento intelectual progressivo, na qual convergiram as ideologias dos movimentos mundiais de Terceiro Mundo e Pan-africanismo e as literárias de Negritude e Capoverdianidade.

O pensamento de Cabral e Lussu se entrelaça em torno de três temas-chave: cultura, língua e poesia, passando pela educação, a história e a historicidade. Esses temas respondem ao debate que tinha ocorrido no âmbito do Segundo Congresso de Escritores e Artistas Negros em 1959. Em primeiro lugar, a “cultura”, ligada à identidade e à história de um povo, uma arma para resistir à opressão colonial. Trata-se de uma cultura que vai além da cultura oficial: é a cultura do mundo rural e do pastoralismo, dos poetas ligados aos movimentos sociais, dos marginalizados e oprimidos, mas também é uma cultura científica que fala de progresso. Em segundo lugar, a língua como elemento de unidade nacional, que coloca a África em comunicação com a Europa e projeta as lutas das ex-colônias portuguesas para uma dimensão internacional. Finalmente, a poesia como linguagem escolhida por ambos para se expressarem, uma forma de expressão que, na África, fala sobre a experiência vivida das comunidades e do território, e que, na prática lussiana, se torna o método antropológico para investigar as estratificações socioculturais e o desenvolvimento histórico da sociedade.

O diálogo entre Lussu e Cabral sobre esses temas é expressão do pensamento dos intelectuais africanos e italianos e uma manifestação do posicionamento destes últimos em relação às lutas de libertação, à política italiana e à política internacional. Seu pensamento transitou pela justiça social mundial e foi pioneiro ao compreender as dinâmicas de poder estruturais e transversais nas sociedades. A relevância do apoio cultural de Lussu e dos intelectuais italianos às lutas anticoloniais encontra-se na libertação dos PALOP do domínio colonial, bem como na renovação, na Itália, da discussão fundamental sobre os temas do fascismo, da Resistência e do colonialismo e Cabral estava ciente de tudo isso: “Estamos conscientes de que a nossa luta de libertação não serve apenas aos nossos

povos: serve igualmente os interesses fundamentais e o progresso de todos os povos da África e do mundo” (Cabral 1974, 22).

Bibliografia

- Albano, Mario. 2003. “Joyce Lussu e le lotte di liberazione nazionale”. En *Joyce Lussu. Una donna nella storia*, editado por Luisa Maria Plaisant. Cagliari: CUEC editore.
- Alberani, Elisa. 2019. “La figura di Giuseppe Soncini tra azioni anticoloniali e aiuti sanitari. Tracce attuali della ‘stagione della solidarietà’ per una rielaborazione memoriale”. *Lingue e Linguaggi* 32: 361-85. <http://sibaese.unisalento.it/index.php/linguelinguaggi/article/view/21367/18116>.
- Alegre, Manuel. 1984. “Un aiuto per la libertà del Portogallo”. En *Amílcar Cabral e l’indipendenza dell’Africa*, editado por IPALMO-Istituto per le relazioni tra l’Italia e i paesi dell’Africa, America Latina e Medio Oriente. Milano: Franco Angeli.
- Ballestra, Silvia. 2012. *Joyce L. Una vita contro. Diciannove conversazioni incise su nastro*. Milano: Baldini & Castoldi.
- — —. 2022. *La Sibilla*. Bari-Roma: Editori Laterza.
- Bettoni, Fabio. 2013. “Le “società comunitarie” in Joyce Lussu”. *Proposte e ricerche* 70: 22 - 38. <https://proposteericerche.univpm.it/files/5fed48f4e5ad9b2b3.pdf>.
- Cabral, Amílcar. 1952. “Apontamentos sobre poesia caboverdana”. *Cabo Verde. Boletim de propaganda e informação*, Janeiro 1. <https://www.marxists.org/portugues/cabral/1952/01/01.pdf>.
- — —. 1969. “PAIGC - Análise dos tipos de resistência: 3 - Resistência cultural”. *PAIGC- Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde*, November 19/24. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04340.002.009#!1>.
- — —. 1974. *Guiné-Bissau: Nação africana forjada na luta*. Lisboa: Nova Aurora.
- — —. 1980. *A arma da teoria*, editado por Carlos Comitini. Rio de Janeiro: Codecri.
- Carneiro de Sousa, Ivo. 2013. “Amílcar Cabral, 40 Anos: Memórias e Alguns Poemas”. *Lusofonias* 8: 1-7.
- De Marchis, Giorgio. 2022. “La questione delle lingue nelle letterature africane”. En *Le letterature africane in lingua portoghese. Temi, percorsi e prospettive*, editado por Inocência Mata, Roberto Francavilla e Valeria Tocco. Milano: Ulrico Hoepli.
- de Oliveira Santos, Abrahão, Lima, Fátima e Luiza Rodrigues de Oliveira. 2021. “Paulo Freire em diálogo com Frantz Fanon e Amílcar Cabral: racismo, subjetividade e educação”. *Ensino, saúde e ambiente* 14: 410-26.

- Di Eugenio, Alessia, e Francesca De Rosa. 2023. ““Ospitalità” e traduzione di scrittori africani “in rivolta”. Le poesie anticoloniali in lingua portoghese nell’Italia degli anni 60”. *Confluenze. Rivista di studi iberoamericani* 2: 423-49.
- Fanon, Frantz. 1959. “Fondement réciproque de la culture nationale et des luttes de libération”. *Présence Africaine* 24/25: 82-89. <https://it.scribd.com/document/820733405/Fanon-1959-Fondement-Reciproque-de-La-Culture-Nationale-Et-Des-Luttes-de-Liberation>.
- Glisenti, Marcella. 1984. “Un nazionalista, un rivoluzionario, un africano”. En *Amílcar Cabral e l’indipendenza dell’Africa*, editado por IPALMO-Istituto per le relazioni tra l’Italia e i paesi dell’Africa, America Latina e Medio Oriente. Milano. Franco Angeli.
- Iman Ferru, Giada. 2020. “Joyce Lussu e “Noi donne” (1949-1953),” diss. Università degli Studi Roma Tre.
- Langiu, Antonietta, e Traini, Gilda. 2007. *Joyce Lussu. Biografia e bibliografia ragionate*. Consiglio Regionale Assemblea legislativa delle Marche.
- Lanzafame, Carmelo Mario, e Podaliri Carlo. 2004. *La stagione della solidarietà sanitaria a Reggio Emilia: Mozambico 1963 – 1977*. Torino: Ed. L’Harmattan Italia.
- Lopes, Filomeno. 2024. *Amílcar Cabral. Un ponte fra Italia e Africa*. Roma: Castelvecchi.
- Lussu, Joyce. 1977. *L’acqua del 2000*. Milano. Gabriele Mazzotta Editore.
- — —. 1993. *Agostinho Neto*. Venezia. Centro Internazionale della Grafica di Venezia.
- — —. 2012. *Portrait*. Roma: L’Asino d’oro.
- — —. 2018. *L’olivastro e l’innesto*. Padova: Edizioni Della Torre.
- — —. 2019. *Tradurre Poesia*. Torino: Biblioteca del Vascello.
- — —. 2022. *Padre padrone padreterno. Breve storia di schiave e matrone, villane e castellane, streghe e mercantesse, proletarie e padrone*. Milano: NdA press.
- Massoni, Marco. 2001. “Tsenay Serequeberhan: un’ermeneutica della filosofia africana”. En *Prospettive di filosofia africana*, editado por Lidia Procesi, Marco Massoni, Marin Nkafu Nkemnkia. Roma. Edizioni Associate.
- Milani, Ada. 2016. “Decolonizzare le menti: Amílcar Cabral e la resistenza culturale come arma contro la dominazione straniera”. *Altra modernità* 16 (11): 61-77. <https://riviste.unimi.it/index.php/AMonline/article/view/7841/7514>.
- Neves, José. 2017. “Ideologia, Ciência e Povo em Amílcar Cabral”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 24 (2): 333-47. <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/4fgsbTjkwJxWC3Fh4Yrr5PB/>.

- Ottolini, Tullio. 2018. "Dal soutien alla cooperazione. Il terzomondismo in Italia fra il Centro di Documentazione "Frantz Fanon" e il Movimento Liberazione e Sviluppo". PhD diss, Università di Bologna.
- Pereira, Aristide. 1984. "Un "ingegnere delle coscienze"". En *Amílcar Cabral e l'indipendenza dell'Africa*, editado por IPALMO-Istituto per le relazioni tra l'Italia e i paesi dell'Africa, America Latina e Medio Oriente. Milano. Franco Angeli.
- Pisuttu, Elena. 2015. "Da Salvadori a Joyce Lussu". PhD diss, Università degli Studi di Sassari.
- Présence Africaine. 1959. "Résolution concernant la Littérature". *Présence Africaine* 24/25: 387-92.
- Russo, Vincenzo. 2020. *La resistenza continua: il colonialismo portoghese, le lotte di liberazione e gli intellettuali italiani*. Milano: Meltemi.
- — —. 2024. "Angola come Milano: Agostinho Neto, Joyce Lussu e la poesia come resistenza anticoloniale". *Altre modernità* 1: 46-62.
- Sédar-Senghor, Leopold. 1948. *Anthologie de la Nouvelle Poésie Negre et Malgache de Langue Francaise*. Paris: Presses universitaires de France.
- Vecchi, Roberto. 2020. "A arma da teoria: pensamento africano e literatura". *Revista de Associação Internacional de Lusitanistas* 33: 5-15.

Clio Angelini

Formou-se em Literatura Moderna, Comparada e Pós-colonial na Universidade de Bolonha. Atualmente é pesquisadora independente no campo dos estudos decoloniais nos países de língua portuguesa e está realizando uma pesquisa voltada para mapear a produção editorial e fotográfica que surgiu das relações de solidariedade cultural estabelecidas entre os intelectuais italianos e Amílcar Cabral durante as lutas de libertação das ex-colônias africanas entre 1959 e 1974.

Contato: angeliniclio@hotmail.it

Recebido: 27/12/2024

Aceito: 29/05/2025

Copyright © 2025 The Author(s)

The text in this work is licensed under the Creative Commons BY 4.0 International License <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.